

## **TAINÁ - A ORIGEM E MEU PÉ DE LARANJA LIMA: O POPULAR E O ERUDITO NO CINEMA INFANTIL BRASILEIRO**

Sérgio Rizzo<sup>1</sup>

Dois filmes brasileiros, voltados para crianças, entraram em cartaz no primeiro semestre de 2013. Havia uma grande expectativa em relação ao desempenho de bilheteria. Em ambos os casos, os números ficaram aquém das previsões mais conservadoras. Lançado no início de fevereiro, *Tainá - A origem* havia atingido, no final de abril, a marca de 342,3 mil espectadores. De acordo com seu produtor, Pedro Carlos Rovai, a “estimativa mais pessimista” apontava para 500 mil<sup>2</sup>. *Meu pé de laranja lima* chegou aos cinemas em meados de abril e fez 34,5 mil espectadores em suas duas primeiras semanas de exibição. Pelo comportamento habitual do mercado exibidor, dificilmente alcançaria a marca de 100 mil espectadores — performance considerada razoável para um filme de baixo orçamento que, segundo a produtora Katia Machado, custou pouco mais de um terço do que havia sido inicialmente previsto<sup>3</sup>.

A interpretação ligeira dos números de bilheteria no mercado cinematográfico tende a sugerir que êxitos e fracassos devem-se apenas à qualidade

---

1        Jornalista, crítico de cinema, doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da FAAP.

2        Entrevista ao autor: <http://censuralivre.blogfolha.uol.com.br/2013/02/09/diretora-produtor-e-elenco-falam-sobre-taina-o-proximo-sera-uma-animacao/>

3        Em 2005, quando teve início o processo de captação de recursos, *Meu pé de laranja lima* estava orçado em R\$ 9 milhões. Oito anos depois, foi concluído por R\$ 3,4 milhões. Entrevista de Katia Machado ao autor: revista *Cult*, edição 178, abril de 2013.

intrínseca dos filmes e à decorrente dificuldade em se comunicar com o público-alvo. Na verdade, diversos fatores interferem na carreira comercial de um longa-metragem, sobretudo em um mercado volátil como o brasileiro, a começar pelos investimentos em publicidade e pelo número de cópias lançadas. Além disso, produções infantis e infanto-juvenis brasileiras enfrentam problemas ainda maiores do que os de um filme adulto em virtude da falta de tradição do país nesse gênero (o que compromete a formação e a fidelização de público) e da competição inglória com o similar estrangeiro, que se beneficia de recursos humanos e materiais imensamente superiores. Enquanto superproduções norte-americanas voltadas para crianças e adolescentes exibem números invejáveis, qualquer filme brasileiro dirigido a essas faixas etárias luta com todos os meios apenas para que uma parcela do público-alvo saiba da sua existência<sup>4</sup>.

O desempenho insatisfatório de *Tainá - A origem* e de *Meu pé de laranja lima* nos cinemas deveria ser visto de outra perspectiva: se duas propostas muito distintas de transposição de matéria-prima literária para a linguagem visual — ambas realizadas segundo qualidade técnica e artística de padrão internacional — não conseguem ocupar espaço no cenário doméstico, talvez seja porque o produto audiovisual brasileiro para crianças e adolescentes tornou-se vítima de uma tamanha hostilidade de mercado que exige políticas públicas para ser combatida. Do contrário, o país estará renunciando à existência, no cinema, de um imaginário enraizado em nossa tradições e peculiaridades socioculturais. Baseado na personagem criada por Claudia Levay, para o cinema, e que foi parar depois em uma série de livros, *Tainá - A origem* configura um exemplo de abordagem popular (aqui entendido

---

4 Quatro longas-metragens norte-americanos de animação para crianças figuraram entre as 10 maiores bilheterias nacionais de 2012: *A era do gelo 4*, *Madagascar 3: os procurados*, *Alvin e os esquilos* e *Valente*. Juntos, eles venderam 22,6 milhões de ingressos, ou cerca de 15,5% do total movimentado no Brasil (146 milhões de ingressos). O volume é superior à soma de todos os filmes brasileiros lançados em 2012 (15,5 milhões de ingressos, ou 10,6%). O longa nacional para crianças que mais arrecadou foi *31 minutos - O filme*, com 56,6 mil espectadores.

como o filme voltado para um público de massa que busca entretenimento). Adaptação do romance de José Mauro de Vasconcelos, *Meu pé de laranja lima* recebeu um tratamento mais erudito (aquele que se propõe, no âmbito do cinema, a dialogar com um público mais qualificado por dispor de repertório estético para apreciá-lo). O popular e o erudito encontrariam, nessa leitura, idêntico desfecho: onde está o seu público?

A opção de *Tainá - A origem* parece natural ao combinar aventura, humor e uma protagonista infantil com a qual as crianças tendem a se identificar com muita facilidade<sup>5</sup>. O filme explora elementos presentes nos dois longas-metragens anteriores<sup>6</sup> e também nos livros de Levay. São mais notáveis, pela inversão de polos, os procedimentos de adaptação que levaram um romance popular como *O meu pé de laranja lima* a encontrar, em sua segunda adaptação para o cinema<sup>7</sup>, um tratamento mais sofisticado, de inflexão europeia e trânsito internacional. A formatação inicial do longa-metragem envolvia a busca, na história de fundo autobiográfico publicada em 1968 e logo transformada em *best-seller* (no Brasil e em diversos outros países, como Argentina e França), de elementos universais e atemporais, uma vez que produtores franceses manifestaram interesse em investir no projeto desde que ele, evidentemente, tivesse potencial para circulação internacional. Mesmo depois de essa participação não se confirmar e de a redução no orçamento obrigar a reescrita do roteiro<sup>8</sup> para adequá-lo a uma logística de

---

5 No terceiro longa-metragem com a personagem indígena Tainá, seu papel é interpretado com desembaraço encantador por Wiranu Tembê, da aldeia Tekohaw, no Pará, descoberta pela produção aos 5 anos de idade, quando ainda não falava português.

6 Lançados em 2001 e 2005, eles trouxeram a atriz Eunice Baía no papel de Tainá.

7 A primeira versão do romance *O meu pé de laranja lima* para o cinema, dirigida por Aurélio Teixeira, foi lançada em 1970.

8 O roteiro de *Meu pé de laranja lima* é assinado pelo diretor Marcos Bernstein e pela roteirista Melanie Dimantas.

produção mais modesta, prevaleceu, como se percebe na tela, a orientação pelo esvaziamento de elementos regionais em nome da universalização do drama do menino Zezé<sup>9</sup>.

A ação é transportada da periferia do Rio de Janeiro para o interior de Minas Gerais, que corresponde a uma paisagem similar à dos campos europeus, com destaque para aquela já consagrada em inúmeros filmes franceses e italianos, e também dos anos 1920 para os anos 1970, mais próximos do espectador contemporâneo. A paleta de cores utilizada pela direção de fotografia, a direção de arte e os figurinos submetem a forte luz dos trópicos e a aspereza do universo descrito no livro a um filtro estético que produz equilíbrio visual, suavidade e elegância. No roteiro, a dor e a solidão de Zezé ganham um tratamento intimista; a violência exposta por Vasconcelos não desaparece da história, mas se esconde discretamente em elipses narrativas<sup>10</sup>. Narrada em *flash-back*, a infância do personagem tem sua brutalidade suavizada pelo simples fato de ter se tornado um adulto saudável, escritor de livros<sup>11</sup>. O que Vasconcelos expressa de modo literal no romance ganha, no filme, contrapartida poética (visualmente falando). É erudito, portanto, porque se dirige a um espectador mais habituado a um certo código cinematográfico — comum, notadamente, em certa parcela da produção europeia, de caráter autoral — do que à inflexão estética televisiva que, por motivos óbvios, impacta boa parte do cinema brasileiro que almeja atingir o público de massa.

Um filme raro, no sentido mais generoso da palavra. Diz muito sobre o cenário cultural do país na atualidade que *Meu pé de laranja lima* tenha alcançado, nos cinemas, uma parcela ínfima do público que encontraria nele motivos de interesse, se ao menos soubesse que ele existe, e se pudesse

---

9 Zezé, o protagonista-narrador do romance *O meu pé de laranja lima* e que corresponde a uma recriação da infância difícil vivida por Vasconcelos, é interpretado nessa versão pelo menino João Guilherme Ávila.

10 Ainda assim, “violência” foi a justificativa do Ministério da Justiça para atribuir ao filme a classificação indicativa 10 anos.

11 Adulto, Zezé é interpretado no filme por Caco Ciocler.

encontrá-lo em uma sala de exibição próxima. A configuração do mercado audiovisual, por mais selvagem que muitas vezes seja com produtos delicados e incomuns, permitirá ao menos que ele tenha segunda e terceira chances de ampliar o seu público, em vídeo doméstico (DVD, Blu-ray) e depois na TV.